

Luís Miguel Rosa

NOVA ARTE  
DE CONCEITOS  
CONTOS



COMPANHIA  
DAS ILHAS

2017

# LIÇÃO IV

ABAPORU

*Muito bem trazida está essa lembrança e, continuando com as outras, me parece que o segundo descuido é quando o discreto fala ou alega latins entre pessoas que o não sabem, ou que não têm obrigação de o entender; como são as mulheres; ou conta diante delas histórias da Índia, ou de outras regiões remotas onde esteve, dizendo as cousas com muitas palavras dos nomes próprios daquelas partes; que alguns que, em colhendo na prática Ormuz, Malaca ou Sofala, não sabem dar um passo sem palanquins, bajus, catanas, bois, larins e bazarucos, e outras palavras que deixam em jejum o entendimento dos ouvintes, sem os seus por isso ficarem melhor acreditados.*

Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*

10-X-1755

### *Manhã*

A raci ofereceu-nos um amanhecer pacífico, vencida a procela de ontem. Do arrebol auroral transborda calmaria garbosa: não mais nuarrões, senão luz como a que sobe pelas colinas de Lisboa dourando-a como um dourador embeleza uma capa de livro. Ontem, da vigia do camarote, observava as vagas sovando o navio, receando que desconjuntasse a quilha uma oscilação mais forte, mas o costado prevaleceu como uma carapaça de tatu. Mais firme hoje, a aguagem já não faz o galeão *Santo António* adernar. Depois de uma noite a caturrar, agora desliza direito como uma folha pelo caudal de uma paraíba.

Tarefas acaloradas acenderam no deque um ledó bulício. Desentocada dos cóis, espalhada da popa à proa, descendo à sentina e ascendendo às gáveas, ocupando lugares para aonde a chama a necessidade, a tripulação achicou o resto da água, reparou as madeiras das alcaixas, reforçou mastros, substituiu cabrestos e calabres puídos, verificou o pano da andaina e palomou o que se rasgou. Estas travessias oceânicas sugestionam-me robustez e segurança, o que os desastres antologiadados pelo senhor Gomes de Brito muito haviam feito para jamais julgar possível no alto-mar. Lê-lo antes de uma viagem transatlântica pode atemorizar o leitor. Mas a torna não aparenta vir a ter mais sobreventos do que

a ida, tão suave e célere na realização como a passagem de uma régua de costureira sobre seda desenrolada. O tempo dos ventos e climas enfurecidos pelos deuses terminou e pertence hoje à poesia entrevada dos gongoristas emparedados na *Fénix Renascida*, os quais o anónimo autor daquele precioso tomo sobre o método do estudo fulminou com tanta precisão e definitividade para que a razão possa clarejar sob preceitos de bom gosto e comedimento. Para trás os tonitruantes e as tramas olimpianas, adiante o saber que progride e doma as intempéries: se não as apaga, pelo menos torna-as quase invisíveis. Dos idos séculos não herdaremos enlevos por lendas cediças, que apenas ornamentam versos como retábulos de ouro escamoteiam a mendicidade das palavras dos jesuítas quando as vozeiam diante deles, mas faremos nossa e aperfeiçoaremos a sede de conhecimento que animou os espíritos dos nossos antepassados a lançarem-se em aventuras mais interessantes e ricas do que a de Ulisses. A seu tempo, os mitos nesses poemas peregrinos tornar-se-ão ruínas como os templos gregos e romanos que os camponeses, dando-lhes mais utilidade do que alguma vez tiveram, delapidam para erguer bostais.

Duzentos anos passados, os aviamentos deixaram as embarcações mais fortes e os capitães mais responsáveis. Não mais os desmazelos de cupidez que arrojaram tantos marinheiros para a perdição no sertão africano que o senhor Gomes de Brito recolocou na rota de nós leitores. Infelizmente tivemos de perder demasiadas conquistas antes de nos apercebermos dos benefícios do planeamento e da moderação: do afrouxamento de cuidados que a rápida cobiça produziu, só os mares lucraram em naufrágios. Os nossos mareantes, então no apogeu da devoção pela Antiguidade, descuraram aquele aforisma que João Estobeu, no *Florilegium*, atribuiu a Demócrito: “uma carga equilibrada é mais segura do que uma carga pesada.” Hoje, contudo, prefere-se o ganho reduzido mas garantido, e quer-me assim parecer que todas as cautelas embarcam no navio com a carga. No capitão Duarte Gomes residem diligência, lisura e inteligência. Vi-o de manhã no tombadilho a fim de corrigir o bordo, pois nos desviara o vento alguns graus. Assegurou-me de que, afora uma poeira de inesperado no nosso decurso, não haverá atrasos.

No meio deste rebuliço, encostado ao voborde para não entrar nenhum marinheiro nas suas fainas, senti-me inútil, indolente como um dos aís, também conhecidos como preguiças, pendurados em galhos, e o embaço levou-me a descer ao camarote, onde me fechei, de modo

a não ficar a observá-los como se estivesse de novo a tomar apontamentos sobre membros da tribo juruna. De feito fiquei a revê-los, nos vários cadernos que preenchi, os quais tenho vindo a organizar desde que zarpei da Bahia, e a folhear esboços. Ademais esta actividade pôs-me a pensar em Naara. Temo por ele, por Matias, pelo aldeamento. Ainda que arando e orando longe dos combates em Rio Grande, suprimidos os índios amotinados, as represálias espalhar-se-ão pela colónia.

### *Noite*

Ceei com o capitão, novamente. Probo no convés, cordato na camarinha, em privado não se comporta como se usasse o acangatará dos chefes. Julgo que os meus discursos sobre fauna e flora brasílicas já lhe esgotaram o filão de fascínio, e escuta-me com um acatamento moldado pela paciência de quem se mede com as forças da natureza todos os dias. Enquanto lhe descrevia a textura da polpa do jerimum, o pêlo do buriqui e a inércia cascuda do jabuti, e lhe examinava os olhos rochosos, e chupitava um vinho, ele escondeu-me o aborrecimento atrás de um sorriso largo cujos cantos pareciam começar e acabar em longitudes diferentes. Todavia o relato das minhas subidas pelo Xingu, Araguaia, Cuiabá e outros rios, tão parco de sucessos, interessará sobretudo ao estudioso, e a honestidade e o rigor não me deram a persuasão do fabulador. Antes absorve-me o concerto de investigação e observação, a captura de uma cintila de substância que ilumine o livro vasto chamado natureza. Uma ocupação sem trovão para um homem cuja profissão tem por arquiavôs os nomes ínclitos de Afonso de Albuquerque, D. João de Castro e Francisco de Almeida, homens que viveram para auções audazes como falcões. Mas senti felicidade entre o grasnar de paturis e sob as ramagens de bacabais. E quanto conhecerá o capitão do Estado do Brasil? Conquanto amarinhe nesta carreira há quase duas décadas, talvez nunca tenha caminhado uma milha para lá dos trapiches, conhecendo desse gigante esmeralda apenas abras, enseadas, litorais e euripos celebrizados em roteiros por naufragarem muitas altanarias, íntimo apenas de bomboteiros e vigilante contra baratarias.

Nato em Portugal, aporta pouco em Lisboa, e só o acaso excepcional de ir assistir ao casamento da filha, que cresce sob a tutoria de uma irmã viúva, daqui a dois meses, o afastou da inflexível ortodromia que liga o Brasil e o Golfo de Benim no seu ofício de negreiro. Contudo o porão, louvado seja o Senhor, vai vazio na torna-viagem.